

O caminho do cachorro

16 NOV 1989

16 NOV 1989

ESTADO DE SÃO PAULO

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Cada um tem o seu começo de filme favorito e o meu é o do **Yojimbo**, do Kurosawa. Um samurai vem por uma estrada e chega a uma encruzilhada. Não sabe que caminho escolher. Nisso, vê um cachorro que se aproxima por um dos caminhos, com alguma coisa na boca. Quando o cachorro chega perto, o samurai vê que o que ele traz na boca é uma mão decepada. O samurai escolhe o caminho pelo qual veio o cachorro, certo de que no seu começo encontrará emprego. Estamos na encruzilhada do Kurosawa, esperando um sinal, qualquer sinal, que nos mostre que caminho tomar — ou não tomar, no caso de o sinal ser um cachorro com algum resto de chacina na boca. Fora os nossos samurais, e os que acreditam nas virtudes terapêuticas do banho de sangue, ninguém quer o caminho do caos. Mas nunca foi tão difícil identificar o caminho que nos leva ou nos afasta do caos. Qual foi? afinal, o caminho do cachorro na eleição de ontem?

Foi uma campanha curiosa. Ao mesmo tempo preâmbulo da decisão mais séria da nossa História recente e nossa primeira campanha-espetá-



culo, a primeira que não apenas interrompeu a programação normal da TV como a substituiu com seu próprio folclore instantâneo, com seus próprios heróis e bufões. Foi um show didático. Criou celebrações que não sobreviverão ao folclore — embora eu desconfie que o Enéas ainda acabe em júri de televisão —, mas também reforçou e sepultou algumas reputações políticas e, apesar de tudo, fez algumas cabeças. E confundiu outras tantas. Os vilões não correponderam ao que se esperava deles. Na primeira vez em que tantas bestas negras da burguesia, com suas bandeiras vermelhas, puderam fazer campanha aberta pela Presidência, a baderna ficou por conta da truculenta segurança do Collor, que era moicano. Mas mesmo a baderna — o que é surpreendente, com tantas opções radicalmente diferentes disputando espaço na rua — foi pequena. O que se pode dizer de uma campanha que terminou com o Brizola pedindo desculpas ao mediador do debate por se alongar demais?

Mas o maior paradoxo de todos é que, numa campanha em que propostas opostas ficaram bem claras, apesar de homogeneizadas numa mesma pasta digestiva pela Comunicação, essa deusa liquidificadora, não ficou claro qual o caminho para o pior. Não por indefinição ideológica ou falta de discernimento

**A campanha
criou
celebridades
e sepultou
reputações**

de quem foi votar, mas porque não dá mesmo para saber. Vivemos no Brasil o dilema do balão, que tem ocupado mentes ociosas há tanto tempo. A única maneira de saber ao certo qual o ponto máximo de resistência de um balão antes de ele estourar é enchê-lo até ele rebentar. O ponto máximo é imediatamente anterior ao estouro, portanto só identificável depois que já passou. Se votamos bem ou mal, ontem, só vamos saber na hora da consequência. A esquerda é o atalho para o caos ou a maneira de evitá-lo? A direita é o caminho do cachorro? E o centro, onde está o centro e para onde ele nos leva? Quem apaga o pavio?

Vivêssemos num país menos brasileiro e o catastrofismo — ainda mais depois de uma campanha tão divertida — não se justificaria. Mas o Brasil é o Brasil e as suas circunstâncias, e o seu passado. Com tantas frustrações acumuladas desde que o Jânio desertou de nós, outra frustração, agora, seria o ponto máximo de resistência do saco nacional. Uma das nossas tragédias é que, depois de 30 anos, se tenha feito uma eleição de emergência, uma eleição para segurar as pontas. Sem querer ser dramático, acho que o que se decidiu foi se haverá País para a eleição seguinte. Ou se nossas frustrações — sem falar nas nossas fomes e nos nossos ódios — nos arrasarão, e só ficarão os cachorros para catar entre os escombros. E o PFL, claro.

Luís Fernando Veríssimo é humorista e colaborador do Estado